

A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A PRÁTICA DOCENTE NAS SÉRIES INICIAIS

Deni Leite Filha Moraes (SEMED)¹

Luciene Barbosa (SEMED)²

Cristina Aparecida Brito Nunes (SEMED)³

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise de diversos autores sobre a produção de texto e a prática docente nas séries iniciais. Refletiremos sobre a importância de práticas de produção e de como tais práticas são inseridas no contexto escolar de uma pequena amostra de salas de aula de alfabetização da cidade de Anápolis, por meio da aplicação de um questionário às educadoras. Os dados revelam que a atividade de produção coletiva é a mais utilizada como estratégia de ensino, porém as educadoras ainda encontram dificuldades em despertar o prazer pela escrita. Concluindo que é preciso que o professor crie situações didáticas que possibilitem as crianças vivenciar, na sala de aula, os usos sociais da escrita, compreendendo as características dos diferentes gêneros textuais, situações comunicativas específicas e reais.

Palavras-chave: produção de texto, escrita, alfabetização.

Abstract: This article presents an analysis of several authors on the production of text and practice teaching in the early grades. Reflect on the importance of production practices and how such practices are embedded in the school context of a small sample of classrooms for literacy in the city of Annapolis, by administering a questionnaire to the educators. The data show that the activity of collective production is mostly used as a teaching strategy, but educators still find it difficult to awaken the pleasure of writing. Concluding that the teacher must create teaching situations that allow children to experience, in the classroom, the social uses of writing, understanding the characteristics of different text genres, specific and real communicative situations.

Keywords: text production, writing, literacy

¹ Professora. Pós-graduada em Psicopedagogia (UEG). Cursista do Centro de Formação de Profissionais em Educação, Ciência e Tecnologia (CEFOPE). Alfabetizadora na Escola Municipal Professora Dinalva Lopes.

E-mail: denifilha66@hotmail.com

² Professora. Pós-graduanda em Psicopedagogia (APOGEU). Cursista do Centro de Formação de Profissionais em Educação, Ciência e Tecnologia (CEFOPE). Alfabetizadora na Escola Paroquial Santo Antônio. E-mail: lucienebarbosa_pink@hotmail.com

³ Professora. Pós-graduanda em Psicopedagogia (APOGEU). Cursista do Centro de Formação de Profissionais em Educação, Ciência e Tecnologia (CEFOPE). Alfabetizadora na Escola Betesda Primavera. E-mail: crisnrito@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda uma realidade presente nas escolas brasileiras – a falta do domínio padrão da língua portuguesa – tanto no aspecto da escrita quanto da oralidade. Tal realidade pode ser presenciada em alunos da alfabetização e se agrava ano após ano, ampliando o número de educandos que pouco dominam o próprio idioma, e que acabam por fragmentar toda a amplitude de seus conhecimentos. Sendo assim, torna-se necessária uma reestruturação no ensino de língua portuguesa, para poder garantir, de fato, a sua aprendizagem.

Uma das dificuldades de trabalhar a produção de textos na alfabetização refere-se ao processo educacional de iniciação em crianças. É possível ainda observar métodos difusos, como o que considera primeiro aprender o sistema de escrita, dominando a forma das letras, seus sons, uso de sinais, para depois passar-se a produção de texto, condenando os alunos com escritos escolares, que erroneamente são caracterizados como texto. (KAUFMANN; RODRIGUES, 1995) De fato é importante o processo linguístico e gramatical, porém, é fundamental instigar junto à criança sua capacidade de criação.

A criança chega à escola com a linguagem oral bem desenvolvida porque ela recebe estímulos para desenvolvê-la, adequar e usá-la em diferentes situações sem preocupação formal. (ALMEIDA, 2009). Os diversos estudos mostram que as possibilidades do trabalho com a escrita é uma competência da escola. Assim cabe ao professor elaborar e organizar um trabalho com as letras que vise às diversas possibilidades de ser realmente aplicado, ou seja, é necessário deixar claro os objetivos de uma atividade de produção textual antes que ela aconteça. Para tal, os alunos das séries iniciais necessitam visualizar a escrita e onde aplicá-la com significado.

Essa visualização da escrita segundo Almeida (2009) dar-se-á a partir do contato com a abundância de materiais escritos e a interação com elementos próprios da produção textual. Considera-se como fator fundamental que a escola, na pessoa do educador, provoque estímulos capazes de alcançar a capacidade criadora da criança, no sentido de instigar a produção de textos e, não somente a leitura. Pois como observa os autores Kaufmann e Rodrigues (1995), esse processo é extremamente importante para a aquisição de conhecimentos, os quais irão materializar a mensagem que o educando deseja transmitir.

A discussão, portanto, sobre produção de textos nas séries iniciais deverá permitir aos educadores um aprimoramento dessa prática no cotidiano dentro das salas de aula. A estruturação desse trabalho será desenvolvida através de recortes teóricos de diversos autores,

os quais discutem a produção de texto e a forma como os educadores atualmente se relacionam com essa temática dentro das salas de aulas. Será também aplicado um questionário com o objetivo de compreender e definir como os educadores se dispõem a vislumbrar no seu dia a dia a prática da produção de texto na alfabetização.

2 A produção de textos

A escrita é uma forma de produção textual discursiva com objetivos de comunicação com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictóricos e outros. (MARCUSCHI, 2000).

Luize (2011) conceitua o escrever como uma atividade física e simbólica que para ser exercida precisa de um sistema (caracterizado como convencional) que em diferentes circunstâncias produz o escrito. Dessa forma, produzir um texto equivale a decidir o que se vai escrever e qual a forma adequada de fazê-lo, corrigindo, reescrevendo e reorganizando o conteúdo.

Pode-se entender a produção de texto conforme apontamentos de Zaccur (2001, p. 62) de que “a redação é o exercício de mostrar que se sabe ortografar, que se sabe construir frases, que se sabe preencher um esquema, e já a produção de texto é o estabelecimento de uma interlocução com um leitor”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) o objetivo da prática de produção de textos é o de “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (BRASIL, 1998, p.51).

Embasados por conceitos de diferentes autores vê-se que há uma convergência de que a produção de texto acontece através de um processo de planejamento, onde se encaixa a textualização, a revisão e a edição, formando assim um conjunto de ações, de procedimentos que o escritor coloca em prática para ajustar seus conhecimentos. No caso de escritores iniciantes, além desses procedimentos e decisões, as questões referentes ao princípio alfabético figuram com destaque entre as reflexões que explicitam.

2.1 A produção de textos e as séries iniciais

No contexto da produção de textos faz-se importante pensar no espaço da sala de aula de alfabetização, como um lugar propício para formar o leitor e o escritor, o pesquisador

ou o utilizador da língua em todas as suas possibilidades. No que diz respeito à escrita, Almeida (2009) reforça que é necessário considerá-la como um processo cognitivo e linguístico, não motor e mecânico. Isso mostra que a escrita não se dará de forma igual para todos e será preciso respeitar o tempo de cada indivíduo, nesse sentido a criança só aprenderá escrever escrevendo. Na perspectiva da atuação do alfabetizador faz parte, estimular o educando no processo de alfabetização, para que perceba que somente pela escrita e pela leitura será possível determinadas ações na vida.

Os aspectos mecânicos entram na alfabetização como elementos que irão agregar valores e habilidades ao processo formal. É o desenvolvimento motor que irá preparando tónus muscular, coordenação motora global e fina e uma série de outras características fundamentais para o registro da letra, do traço e organização do traçado. É importante desenvolver estes aspectos para que a criança possa alcançar aos poucos, aquilo que é esperado com o trabalho. (ALMEIDA, 2009). Aliando assim a parte mecânica e cognitiva a criança pode dar início ao processo de criação mesmo que ainda de modo grosseiro, então é necessário que haja um encorajamento para a escrita livre, o registro de coisas naturalmente como o percebem. Dessa forma, se a iniciação da escrita ocorre respeitando o tempo da criança, ela não se sentirá cansada, pois lhe permite visualizar várias possibilidades dentro do seu contexto, progredindo através da orientação do educador ao nível de ver na linguagem formal uma ferramenta de organização da vida diária.

A partir de diversos estudos observa-se a dificuldade de trabalhar produção de texto no início da alfabetização, isso em parte relacionado à ideia de que a criança ainda não tenha boa ortografia e assim a aprendizagem da escrita configura-se como um dos principais eixos de investimento pedagógico e cobrança escolar. Porém, é preciso considerar que além das metas de ensino da escrita, há uma dimensão menos evidente do aprender a ler e a escrever que deve estar presente desde as séries iniciais, com os sentidos próprios da existência da língua escrita, seus usos e função – motivação intrínseca para a aprendizagem. (KAUFMANN; RODRIGUES, 1995; COLELLO, 2011).

A iniciação da língua materna⁴ durante o processo de alfabetização, segundo o estudo de Colello (2011) coloca o aluno como ser passivo, através da linguagem com produto pronto e acabado, e isso deveria ser mudado no sentido de incentivar e conscientizar para que o aluno se veja como atuante pela e sobre a linguagem. Diversas atividades de ler e escrever

⁴ Língua cujos falantes a praticam pelo fato de a sociedade em que se nasce a praticar; nesta medida ela é, em geral, a língua que se representa como primeira para seus falantes. Neste caso a língua portuguesa é nossa língua materna.

feitas de maneira mecânica como exercício escola, geram situações que carecem de sentido para as crianças. Os objetivos vazios de significado não parecem motivar as crianças a escrever, uma vez que constituem de palavras soltas, com destino incerto. A preocupação com o ensino do desenho das letras, assim como a construção de palavras, deve ser colocada em segundo plano, sendo que o primordial é o ensino da escrita como linguagem. Como afirma Geraldi (1997) é por meio da linguagem que o homem é capaz de compreender o mundo em que vive e nele agir.

Assim como é visto na prática de sala de aula, já no primeiro ano do ensino fundamental, as crianças são alfabetizadas, aprendem a ler e escrever. (COLELLO, 2011). Mas antes de aprender a escrever, a criança aprende a ler através de parlendas e canções que, em geral, se sabe de cor, através também de jogos, de embalagens e rótulos comerciais, de anúncios, folhetos de propagandas e demais textos do dia-a-dia, que possibilitem suposições, sentido, a partir do conteúdo.

Muitas pesquisas como a citada em Dutra (2011) vêm mostrando que crianças entre 3 e 4 anos são capazes de produzir textos, só não grafam convencionalmente, mas podem ditar para o professor ou outro. Sendo assim, a produção textual nas séries iniciais deve priorizar o desenvolvimento da criança como seres pensantes, capazes de interagir com o objeto de conhecimento, levantando hipóteses e conferindo-as, sendo o professor um mediador nesse processo.

3 Metodologia

Neste artigo foi realizada primeiramente uma revisão de literatura para um embasamento teórico-descritivo sobre a produção de texto nas séries iniciais.

Posteriormente, um questionário estruturado com perguntas claras, objetivas e subjetivas foi entregue a algumas professoras da rede municipal de Anápolis. O questionário era composto por 8 questões, sendo 4 abertas e 4 fechadas. Do total de dez questionários entregues, contou-se com a colaboração de apenas 5 professoras que responderam e os entregaram no tempo determinado para a construção do presente artigo.

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa com o intuito de averiguar as respostas sobre como ocorre as atividades que envolvem produção de texto nas salas de alfabetização e ao mesmo tempo refletir sobre essa prática com intuito de compreender e caso haja falhas apontar as possibilidades de melhorar esse contexto de alfabetização.

4 Resultados e discussão

O grupo pesquisado foi formado por 5 professores do sexo feminino, com idades compreendidas entre 31 a 40 anos, graduadas no curso superior de Pedagogia e que trabalham com alfabetização num período de 1 a 3 anos.

Com relação à pergunta sobre como desenvolvem a produção de texto em salas de aula, a maioria delas responderam que fazem uso da produção coletiva. Como retratam os autores Almeida (2009) e Sarraf (2011) esse tipo de produção estimula a socialização da escrita, bem como propõe uma abordagem construtivista na qual o aprendizado decorre da resolução de problemas.

No que concerne à aprendizagem da língua escrita, como apontaram os estudos de Ferreiro e Teberosky (1990), a criança constrói, testa, descarta e reconstrói hipóteses sobre a língua e seus usos por meio de sua participação em atos de leitura e escrita. Mais do que escrever alfabeticamente, aprende-se também as funções sociais da escrita e o modo como os textos se organizam. (SARRAF, 2011)

Ao serem indagadas sobre o interesse de seus alunos diante da participação na produção de textos, as respostas confirmaram uma ideia antiga, de que na visão dos educadores não há interesse das crianças na escrita, ou ainda que existe uma dificuldade de manter o interesse dos infantes na atividade proposta. Decerto isso pode ser resultado do próprio processo obsoleto de educação, com atividades carregadas de objetivos vazios de significado, não servindo de motivação para que as crianças escrevam, uma vez que constituem de palavras soltas, com destino incerto. (COLETTO, 2011)

O educador não deve temer iniciar o processo de escrita sem modelo. O primeiro passo é encorajar os educandos a fazerem os registros livres, isso é muito importante no começo. O próximo passo é apresentar a escrita a partir do modelo, apresentando novas possibilidades de registro, criando um estado de necessidade de saber quais são os registros corretos para cada fonema. Dessa forma, o professor deverá estar preparado para o trabalho de socialização, senão quando a criança solicitar a ajuda e não a tiver, ela poderá partir sozinha para o registro errôneo, ou perder o estímulo para a escrita. (ALMEIDA, 2009)

Para Almeida (2009), a escola deverá compreender que o aluno precisa desenvolver uma crítica diante da sua própria produção visualizando um significado cada vez mais legítimo. É pertinente e necessário desenvolver a autonomia da criança em relação àquilo que executa. Para aprender a ler e escrever, o aluno deverá sentir a sala de aula como

um lugar onde as razões para ler e escrever são intensamente vividas. Quanto maior for o trabalho nesse sentido, mais os alunos irão ampliando suas produções.

Ainda relacionado ao questionário as professoras citaram como dificuldades encontradas nas aulas que envolvem produção de texto a heterogeneidade, a escrita e ortografia, falta do hábito de leitura, a coesão de ideias. Dentro da heterogeneidade entende-se que cada aluno é uma pessoa única e diferente por natureza, o desafio no trabalho pedagógico é respeitar as necessidades individuais e ao mesmo tempo propiciar a constituição do grupo. (GALVÃO, 1999). Assim fica compreendido que atender as individualidades é tão importante quanto desenvolver o trabalho coletivo, levando os alunos a sentirem-se incluídos no grupo. Segundo o estudo de Silva, Bortoletti e Quintanilha (2009) aponta também que a maior dificuldade apresentada pelos alunos é em relação a escrita e a leitura, sendo um mecanismo de retenção já na primeira série. Para Vidal (2005) o educador deve ver a produção textual como resultado de um processo de aquisição dos mecanismos da língua escrita pela criança, com uma especial ênfase nas questões da grafia, e, como corolário desse entendimento, *respeitar o texto da criança*, não o tornando um mero objeto preferencial de correções.

Na última pergunta foram incentivadas a marcar quais eram os textos que as crianças mais gostavam de produzir, dentre eles foram destacados os contos, notícias, receitas, bilhetes, histórias em quadrinhos, anúncios e cartazes. Essas respostas apontam para uma compreensão maior do universo da criança, no sentido de que o prazer de escrever está no significado que o texto deve ter para elas. O que pode ser evidenciado nas palavras de Sarraf (2011, p.184-187) de que é preciso que o professor crie situações didáticas que possibilitem as crianças vivenciar, na sala de aula, os usos sociais da escrita, compreendendo as características dos diferentes gêneros textuais, situações comunicativas específicas e reais.

É necessário, deste modo, compreender que, no processo de alfabetização, o convívio com a linguagem escrita deve ser atividade real e significativa, na qual as crianças interagem com diferentes conhecimentos, com o professor, sua intencionalidade e a linguagem escrita em suas diferentes manifestações.

5 Considerações finais

Considerando a desmistificação de conceitos sobre a escrita e a produção de textos constrói-se uma perspectiva de mudança em relação aos parâmetros adotados pela educação atual.

Pautada na análise das ideias expressas pelas educadoras durante o questionário destaca-se a extrema urgência de uma intervenção pedagógica adequada, que seja capaz de proporcionar a aprendizagem mais significativa.

Percebe-se que a prática alfabetizadora ideal é aquela que permita a criança se desenvolver adquirindo habilidades linguísticas que as possibilitem uma maior interação social. Sugerindo que se a criança compreender que pode dar sentido aos textos e fizer uso deles em sua variedade, conquistando nova condição social, ela reconhecerá a importância de compreender o sistema de escrita.

6 Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G.P. de. A produção de textos nas séries iniciais: desenvolvendo as competências da escrita. 5 ed. Rio de Janeiro: Walk, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

COLELLO, S.M.G. Vivências de leitura: é possível superar a decodificação? In: COLELLO, S.M.G. (Org.). *Textos em contextos: reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.

DUTRA, E. F. A revisão de textos nos livros didáticos: em busca de sentido. In: COLELLO, S.M.G. (Org.). *Textos em contextos: reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GALVÃO, M. **A heterogeneidade na sala de aula: O indivíduo e o grupo – uma convivência possível**. 1999. Disponível em: <<http://www.escolacurumim.com.br/wp-content/uploads/2009/04/Heterogeneidade-Monica.pdf>>. Acesso em: 15/11/12.

GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. v. 1, p. 121-143.

KAUFMANN, A. M.; RODRIGUES, M. E. *Escola: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LUIZE, A. O uso do computador e parceiras entre crianças na alfabetização inicial. In: COLELLO, S.M.G.(Org.). *Textos em contextos: reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.

SARRAF, M.A.V. A aprendizagem e a língua escrita na perspectiva do professor alfabetizador. In: COLELLO, S.M.G.(Org.). *Textos em contextos: reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo: Summus, 2011.

SILVA, C.C.P da.; BORTOLETTI, J.T.S; QUINTANILHA, R.D. Escrita através da produção de textos nas séries iniciais do ensino fundamental. 2009. Disponível em: <www.sle.br/sistema/messias/libs/downloader.php?ref=31>. Acesso em: 15/11/12.

VIDAL, F.; SILVEIRA, R. M. H. **Coesão e coerência em textos escritos iniciais**: algumas reflexões. In: MOLL, J.(org.). *Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ZACCUR, E.G.S. Leitura indiciária: experiência cotidiana de educandos e educadores. **24ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2001.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

Esse questionário será realizado com professores que trabalham em sala de alfabetização, na rede municipal da cidade de Anápolis, com o objetivo de coletar dados para a escrita de um artigo científico.

1. Qual é a sua formação acadêmica?

2. Sexo: F M

3. Idade: 20 a 30 anos 31 a 40 anos 41 a 60 anos

4. Tempo de trabalho na alfabetização: 1 a 3 anos 4 a 6 anos
 7 a 10 anos mais de 10 anos

5. Como você desenvolve atividades de produção de texto em sua sala de aula?

6. De que maneira os seus alunos demonstram interesse ou não na participação das atividades de produção de texto?

7. Quais as dificuldades encontradas nas aulas que envolvem produções textuais?

8. Em sua opinião, quais os tipos de textos que as crianças gostam mais de produzir?

a) Textos literários

conto

poema

b) Textos jornalísticos:

notícia

reportagem

entrevista

c) Textos instrucionais:

receita

instrutivo

d) Textos epistolares:

carta

bilhete

e) Textos humorísticos

histórias em quadrinhos

f) Textos publicitários

aviso

folheto

cartaz

anúncio